

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANGEIRO



**ASSIGNATURA**

Moeda forte	PORTUGAL E COLÓNIAS	FRANCO DE PORTE	1.º ANNO — VOLUME I — N.º 5	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Anno ou 24 numeros .....	25000	Trimestre ou 6 numeros ....		LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Semestre ou 12 numeros ....	12500	N.º avulso ou pago á entrega	1 DE MARÇO 1878	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
ESTRANGEIRO				
Anno ou 24 numeros .....	35000	Semestre ou 12 numeros ....	15500	



PIO IX — Fallecido a 7 de fevereiro de 1878 (Segundo uma photographia de Henrique Verzschi, de Roma)



## SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Pio IX, por JULIO DE VILHENA — As nossas gravuras — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO — Um fupação, por FRANCISCO D'ALMEIDA.

GRAVURAS. — Pio IX — D. Affonso XII e D. Maria das Mercedes, reis de Hespanha — Palmar da Cabaceira na provincia de Moçambique — Francisco Vicente Raspail — A casa de D. Filippa de Vilhena — Scenas do carnaval em Lisboa, por MANUEL DE MACEDO — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Já chegaram as andorinhas, dizem as ultimas noticias; entretanto a cidade importa-se muito pouco com as andorinhas. O que ella quer saber n'este momento é se já chegaram m.<sup>elle</sup>s Richette e Rigolade dos jardins de Mabile, peregrinas do *can-can*, escripturadas expressamente para pousarem o pé nos narizes dos *pierrrots* nos proximos bailes de mascarar de S. Carlos.

Ainda ha seis annos era considerado como um dia de festa nacional o da chegada d'aquellas aves sentimentaes, dando-se ao acontecimento todas as expansões de ternura de que o coração portuguez é susceptivel, desde o suspiro até á oitava rima. A actividade publica suspendia-se para as vêr passar chilreando pelo azul, em busca do beirado aonde no anno anterior tinham deixado os doces ninhos, e a lyra nacional era unanime, desde Melgaço até ao ministerio da fazenda, em soltar este suspiro rimado, com epigraphe de Lamartine — *A volta das andorinhas*.

A cidade, porém, anda n'este momento em busca da loucura. Quer simplesmente saber quando chega o paquete que lhe traz o delirio de França, e apenas as novas andorinhas que espera desembarcarem, intenta aproximar-se d'ellas revestida da sua melhor coragem, depondo-lhes a seus pés, no Terreiro do Paço, toda a sua alma e meio *grog*, depois do que irá dormir muito satisfeita de si, como se á maneira de Nero acabasse de praticar um d'aquelles excessos que terminavam ordinariamente pelo fogo posto com premeditação.

E para emitir condignamente o tyranno a cidade ainda será capaz d'incendiary um charuto, ou mandar lançar fogo pelo creado do botequim — a um ponche, não quer porém que isto se divulgue afim de que as familias se não assustem e as acções das companhias de seguros não desçam.

Se nos podemos fiar nos programmas, Lisboa vae tocar as raias da perdição: vae ser verdadeiramente uma Babylonia com o jardim de S. Pedro d'Alcantara suspenso!

A empreza dos bailes de S. Carlos promette entre outras cousas as seguintes:

«Uma fonte d'aguas perfumadas correndo no salão durante o tempo de cada baile.

«A venda das flores feita por duas elegantes floristas vestindo o lindo traje das jardineiras florentinas.»

Suprema libertinagem! A empreza rompe assim abertamente com a tradição nacional, proporcionando ás mascarar portuguezas o meio de lavarem a cara ao menos uma vez cada anno, e ousa mais n'um excesso de fantasia substituir as barbas patibulares dos floristas portuguezes pelo traje elegante das floristas florentinas!

É o abysmo que a empreza offerece ao publico a 3\$500 réis por assignatura! — 875 cada noite de Roma!

É a perdição a 1\$200 réis, ao miúdo!

Consola-nos entretanto esta circumstancia attenuante a bem dos costumes patrios: a agua, visto ser de colonia, ha de conseguir talvez deixar ainda mais sujos os lenços e os rostos dos *pierrrots*; as barbas dos floristas hão de depois do carnaval dispor mais expensas e mais fortes para regosijo das violetas, que á sombra d'ellas nasceram, e já agora á sombra d'ellas desejam expirar na carcella do fraque luzitano.

E enquanto ás andorinhas que se dêem por felizes, de, em vez da indiferença publica, não encontrarem no seu caminho o sr. Antonio de Serpa que outr'ora as cantou, e que hoje ao avistal-as se podia muito bem lembrar de as comprehender no novo imposto do transito, na sua passagem das regiões longinquoas para a beira dos telhados portuguezes.

— Entretanto, se muitos podem negar que Lisboa, apesar d'estas pequenas depravações, se pareça com a velha Roma pagã, ninguém ousará contestar que a cidade não possua os requintados vícios necessarios para inspirarem um romance essencialmente moderno, original, exquisito, morbido, elegante, feito sobretudo com um impetuoso talento á Zola.

Tal é o *Primo Bazilio*, d'Eça de Queiroz, esse livro excepcional que mesmo por conter o quer que seja d'embriagante e venenoso, penetra n'este momento em todos os *boudoirs* e em todos os cerebros, obrigando o artista, o poeta, o fantasista, a soltar sobre elle um «ah!» de admiração, ao mesmo tempo que o fiador da ordem social solta murros vingadores sobre varios dos seus capitulos, ribombando em cima do volume um tremendo grito de indignação, produzido pelas contursões d'um epileptico!

A ultima semana foi um tanto parisiense por este successo litterario, acompanhado d'outro igualmente notavel, ainda que n'uma esphera mais serena e mais grave.

O *Primo Bazilio*, entrando de braço dado com o *Helenismo e a Civilização christã*, de Oliveira Martins, no pobre mercado portuguez, faz-nos lembrar um leão do *boulevard*, traz-nos á idéa Brumel vindo pasiear a uma succursal do deserto na companhia de Vacherot!

Dos dois livros e dos dois escriptores ainda havemos de fallar mais detidamente, como o merecem as suas obras e os seus talentos excepcionaes.

— N'este momento Lisboa é injusta se se queixar de não ter quem lhe entretenha os ocios.

O capitão Boyton continúa a absorver as atenções sem que o Tejo o absorva a elle. Boyton é um original que usa do seu apparelho da mesma forma que se usa d'uma convicção, diligenciando por todas as formas fazel-a penetrar no espirito e nos usos da sociedade portugueza, á maneira d'um ponto de doutrina. É um evangelista do *caoutchou*, que usa, para triumpho completo da sua crença, de todos os meios suggeridos ao pensamento humano desde os primitivos tempos religiosos, a começar pelo mergulho e a acabar pela conferencia — pelo baptismo e pela predica.

Vendo o successo inaudito do capitão Boyton, miss Lurline, a *rainha das aguas*, igualmente grande celebridade aquatica, volta tambem ao theatro dos seus triumphos, e, possuida talvez de nobre emulação, intenta provar, dormindo debaixo d'agua, que o genio é sempre grande mesmo desacompanhado da *gutta-percha*.

Emfim Lisboa diverte-se. Em cima no alto resôa sempre a trombeta ruidosa da *Aida*. Descendo um pouco escuta-se de novo o gorgoio de m.<sup>elle</sup> Luigine na espessura da floresta dos Recreios; indo mais além, ao labyrintho da Mouraria, depara-se-nos a preços infimos um phenomeno quasi esquecido em Lisboa, mas que todos devem contemplar ao menos uma vez na vida; — a joven gigante de 23 annos e 225 kilos; triste realza de 15 arrobas, que tem na physionomia a expressão nostalgica e doentia dos gigantes abandonados!

— A *Chronica* sente-se hoje verdadeiramente embaraçada para responder a duzentas cartas que de todos os angulos do paiz teem acudido a transmittir-nos a decifração da singela esphinge proposta ao leitor no ultimo numero. Falta-nos o espaço para entrarmos em doce entretenimento com Celorico de Basto e com a rua dos Fanqueiros, mas a suprema verdade é que o desenhador se quiz divertir um quasi nada com o leitor benevoló!

*Aonde está elle?* Estará na lua? Ninguem o pôde jurar. Entretanto ha um meio de o saber. Lance-se uma pitada de arsenico em cima da lua; se elle lá estiver morre com certeza, e d'ahi a dois dias conhece-se logo... pelo cheiro!

Eis o modo simples de acabar por uma vez com o problema.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## PIO IX

Quando as atenções da Europa se dirigiam para o oriente, onde uma religião, que durante seculos pleiteára com o christianismo o dominio espirital do mundo, parecia esconder-se, impellida pelas armas dos vencedores, no paiz do estacionalismo — a Asia, accordava o orbe catholico ao som dos sinos das cathedraes que celebravam um acontecimento luctuoso.

Morría Pio IX. O athleta, que durante trinta annos combatera a civilização que ameaçava subverter-lhe o solio; que, com as encyclicas e excommunhões contivera muitas vezes em respeito os reis ambiciosos, não sentia na frente a pressão do martello, que a velha lyurgia romana, no seu symbolismo pouco scientifico, consagra como meio de attestar aos povos que está vaga a cadeira pontificia. Inscrevia-se mais um nome no longo obituario dos papas; encerrava-se mais um capitulo na historia volumosa da Igreja.

O que representa Pio IX em face da epocha em que viveu? Appreciar os actos d'este homem verdadeiramente audaz, traçar-lhe o perfil proeminente, caracterizar a influencia que exerceu no sacerdocio e no imperio, não é facil na situação actual em que as paixões excitadas pelos acontecimentos recentes, o fanatismo de uns, as exaggerações liberaes de outros, tolhem a livre apreciação dos factos, por mais justa e imparcial que seja. Quando na basilica de S. Pedro tiverem arrefecido as cinzas do pontifice e á excitação do momento tiver succedido a critica reflectida dos acontecimentos, é que se pode proferir um juizo seguro sobre esse vulto, indubitavelmente grandioso, que uns equiparam a Gregorio VII e a Leão X, outros consideram o destruidor da Igreja.

Para nós, que não fazemos n'este momento um estudo historico, Pio IX não merece as censuras que lhe dirigiram os radicaes do catholicismo, nem os penegyricos que lhe teceram os reaccionarios.

Os factos principaes da sua vida são:

A proclamação do dogma da virgindade de Maria;  
A infallibilidade pontificia, canonisada pelo concílio do Vaticano;  
A defeza do poder temporal;  
E, finalmente, a encyclica vulgarmente conhecida pela denominação de *Syllabus*.

O dogma da Conceição immaculada está na indole da religião christã. Nascido no meio semitico, o christianismo espiritualizou-se ao contacto das raças aryanas, em cujo seio rapidamente se desenvolveu. O meio aryano era essencialmente lyrico. Nos poemas da velha India a mulher é uma creação romantica que se não pôde ferir *nem mesmo com uma flor*; chama-se Sacuntala e tem no semblante as linhas suavissimas d'uma pureza ideal.

O christianismo, já de sua natureza lyrico, surgiu no ambito d'uma



sociedade, onde, através da corrupção geral, se destacava profundamente a corrente idealista. Aproveitou a tendência que imperava com a força d'uma lei organica da raça, e adaptou-a á sua propaganda. A redempção da mulher adúltera, a criação artisticamente sublime da Magdalena são o resultado do lyrismo christão. O fundador da nova religião era um moço em cuja physionomia se delineavam os traços melancolicos da belleza judaica. Tinha nas palavras a unção dulcissima, animada ao calor da inspiração divina; a sua eloquencia singela fallava a linguagem das mulheres e das creanças; crente como todos os entusiastas, tendo dentro em si a grande força da fé que transporta as montanhas; cheio de consolações para todas as desgraças, Jesus era uma organização sentimental, utopista como todos os revolucionarios sinceros. O seu caracter traduzia o principio da religião que vinha implantar. Este principio é que dictou as paginas verdadeiramente epicas da idade heroica do christianismo. A indole da mulher accommodavam-se os extasis da nova religião. Nas catacumbas, á luz do sol, sob a espada dos Cesares, em toda a parte a mulher defendia, com a audacia d'um apostolo, a doutrina da religião nascente. O martyrologio christão é um poema sublime em honra da mulher. Virgem e martyr, eis a aspiração suprema d'esse ente delicado que enche as paginas dos primeiros seculos da Igreja com os prodigios da sua coragem e da sua sobrenatural resignação. A castidade tornava-se assim o principal elemento da moral christã. Os *Actos dos apóstolos* e a primeira *Epistola* de S. João santificam o principio.

Santo Agostinho, um dos espiritos mais eminentes do christianismo, escreve um tractado ácerca da virgindade.

Não havia sem virgindade perfeito estado de graça. Era facil pois proclamar-se já nos primeiros seculos a virgindade de Maria. O Evangelho descrevia-a, acompanhando seu filho nas ruas de Jerusalem, sentindo todas as agonias que o flagellaram, recebendo-o nos braços no cimo do Calvario. A tradição repetia, com as côres singelas mas expressivas das narrações populares, as passagens da peregrinação da mãe desventurada que perguntava aos que passavam se havia dôr superior á sua. O hymno da Igreja chamava-lhe *gratia plena*, e os padres que consideravam a castidade como o estado da perfeição chamavam-lhe Virgem.

O que foi o culto de Maria durante a idade media todos o sabem. Os povos germanicos eram tambem arianos. Na sua natureza selvagem havia o principio mystico da raça. A figura ideal da Virgem casava-se á sua organização inclinada ás lendas e ás tradições maravilhosas. Nos quadros, nas illuminuras, nas tapeçarias das igrejas, via-se Maria cercada de seraphins, com a fronte aureolada de luz, esmagando aos pés o espirito do mal. Os poetas entoavam-lhe canticos onde, através das asperezas da latinidade barbara, dimanava muitas vezes a melodia suave. O cinzel esculpia-lhe nas columnas de marmore o busto gracioso, e não raro se via surgir do vazio de uma canellura a figura de Maria.

Leonardo de Vinci retracta a Virgem nos rochedos, abrindo os braços ás creancinhas; André del Sarto pinta-a assistindo ao enterro de Jesus. Já na *coroação* de fr. Angelico, a Virgem tinha a apothose de toda a idade media.

A indole da religião christã era esta. Pio IX, proclamando o dogma da immaculada Conceição, não era um pontifice, era simplesmente um artista. Em vez de celebrar a virgindade de Maria no quadro, no marmore ou no poema, celebrou-o no canon. Dotado d'um caracter simples e bondoso como os primeiros padres do christianismo, acreditando ferverosamente na religião que dirigia, elle que invocara o auxilio divino, ao achar-se investido no pontificado, com a sinceridade de um martyr, devia ter pela Virgem a veneração mystica das antigas edades christãs. Estava isso na sua natureza, e deixem-nos dizer assim, na sua biologia.

Qual de nós, homens de sciencia, que vivemos n'um meio diferente d'aquelle em que foi educado Pio IX, não sentiu ainda, n'um momento doloroso da sua vida, essa veneração romantica, esse culto ideal pela Virgem? O que pode o sentimento humano nas suas manifestações sublimes crear de mais puro que este dogma? Repugna á razão, de certo, mas o dogma não se afere pela bitola do syllogismo.

O dogma da infallibilidade não tem o caracter innocente do da *immaculada Conceição*. É pelo contrario um attentado contra os interesses legitimos da Igreja. Durante dezoito seculos o papa dirigiu a religião e collaborou com o episcopado. A Igreja era uma monarchia representativa cujas leis em materia de fé só podiam ser feitas pelos concilios. Pio VI intentou centralisar em suas mãos as facultades dos concilios, mas os padres de Trento reagiram contra as pretensões do pontifice. Pio IX, em nome do primado de Pedro, levou ao fim a obra perante a qual tinham vacillado os mais audaciosos reformadores.

Compreende-se que, quando a Igreja atravessava o seu periodo de organização, sob o governo de Gregorio VII e Innocencio III, o papa aspirasse a sobrepujar a assembléa dos bispos, unicos encarregados pelo evangelho do magisterio authentic; a centralisação era uma consequencia da epocha. Hoje que a Igreja se encontra impellida pela acção irresistivel da democracia, a infallibilidade do pontifice é mais do que um anachronismo; é uma retroação de dez seculos. Passou o momento opportuno e com elle a razão politica do dogma.

A situação actual da religião christã exigia que o papa alargasse e não circumscrevesse as attribuições dos concilios. O novo dogma levanta um muro invencivel entre os catholicos e os schismaticos do oriente. Em vez de chamar á concordia os da igreja grega, Pio IX contribuiu para que o schisma se radicasse e d'este modo prejudicou a unidade do christianismo.

Se até agora os protestantes não reconheciam a auctoridade da Igreja, depois do concilio do Vaticano cava-se um abysmo profundo entre as duas seitas religiosas. A heresia nascida sob o influxo da theocracia de Leão X, robusteceu-se com o acto de Pio IX.

Sob o ponto de vista politico o dogma da infallibilidade, dando á Igreja uma organização despótica, é um contrasenso em face do direito publico moderno. Quando as formulas do velho regimen tendem a desaparecer na onda da liberdade crescente; quando se reconhece em toda a parte que a soberania de qualquer sociedade sómente pôde ser exercida pelos seus representantes, o papa, por uma distincção casuistica, bebida nas tradições da velha philosophia escolastica, colloca-se acima dos concilios e, como Cesar espiritual, sujeita a lei aos caprichos da sua vontade absoluta.

Quando na Allemanha, na França, na Italia, na Belgica os defensores da Igreja sustentam que as suas doutrinas são compatíveis com as novas organizações sociaes, ouve-se um protesto no Vaticano: é Pio IX, proclamando o dogma da infallibilidade.

Não é assim o poder temporal do pontifice. Os homens publicos podem aceitar os factos consummados. O critico deve exercer a sua investigação fóra das influencias estranhas. O poder temporal do papa é uma condição indispensavel para a independencia da Igreja, disse-o Comte e com elle toda a escola que o reconhece por mestre e que ninguém pôde accusar de reaccionaria. A Igreja é antes de tudo um facto historico, uma instituição positiva, um organismo vivo, agitando-se no seio da humanidade. O seu fim espiritual não lhe destrua a sua existencia temporal. Tendo uma administração propria, uma hyerarchia sua, carece como todas as instituições d'esta ordem de um elemento fundamental — o territorio. Se os governos lh'o não concederem, falta-lhe a liberdade de acção e com ella a responsabilidade perante a opinião. A phrase — *prisioneiro do Vaticano* — não é simplesmente uma figura de rhetorica, no estylo biblico das pastoraes; é a expressão verdadeira da situação actual do pontificado.

Em Italia, ou fóra da Italia, o papa carece de estar livre de qualquer pressão exercida pelo poder secular. A lei das garantias, contra a qual se insurge o radicalismo italiano, é o reconhecimento imperfeito d'este principio que está vinculado á natureza da Igreja.

Oriundos da doação, os seus estados formaram-se, como muitas nações da Europa latina. Os vicios de origem não justificam a annexação dos povos. Se uma falsa interpretação do evangelho condemna o poder temporal, não são de certo os exercitos triumphantes que devem executar a lei divina. Podem as cavillações da diplomacia justificar o facto, mas a critica philosophica tem de reconhecer, em principio, a necessidade do poder temporal.

Resta o *Syllabus*. É o programma politico de Pio IX. O que a ignorancia, o fanatismo e a superstição podiam crear de mais absurdo, tudo está ali. É uma proclamação de guerra contra a sciencia, contra a civilisação, contra o proprio evangelho. Plenamente livre, dentro do seu dominio temporal, fóra da influença do poder secular, o papa fez os seus capitulares, outorgou o seu código ao mundo catholico e não comprehendu os principios do christianismo, nem a phase que a religião está percorrendo. Falta ao *Syllabus* o opportunismo. No seculo X seria um monumento; no seculo XIX é uma heresia. Quando as escolas modernas explicam a criação do mundo á face da geologia e da paleontologia, vindo em auxilio das narrações biblicas, o *Syllabus* condemna a sciencia, porque não falla a linguagem dos antigos padres da Igreja.

Nas suas applicações historicas o positivismo reconhece a acção benefica do christianismo na moral domestica, na constituição da familia, na formação dos estados civis. A mythologia comparada explica as leis da formação das theogonias, indagando os origens do christianismo e reconhecendo a necessidade historica d'essa religião. A glottica justifica, com os proprios nomes das divindades, muitas das proposições christãs. E tudo isto é involto na condemnação pontificia. O que o trabalho tem adquirido de mais valioso, o que a intelligencia tem conquistado de mais brilhante, encontra em Pio IX não o applauso de um sabio, mas o anathema de um clerigo obscuro.

Para elle o evangelho é immobilista como o Koran. A organização social não pôde sair do perimetro que lhe traçou o tradicionalismo dos papas. Por isso vemos no *Syllabus* o direito de investidura, a supremacia do sacerdocio sobre o imperio, a defeza da philosophia escolastica, a theocracia com o seu amplo cortejo de principios e instituições. A liberdade de ensino, de associação, de propaganda, todas as liberdades que constituem a individualidade historica do cyclo actual são erros que o *Syllabus* fulmina.

No meio da lucta dos elementos sociaes Pio IX não applaca, como o Jupiter olympico do paganismo, as divindades irritadas; desafia a tempestade com o desespero dramatico do rei Lear. O *Syllabus* é o ultimo transviamento da razão humana. Se a religião christã consistisse nas theses do *Syllabus*, n'aquella summa theologica, extrahida da velha jurisprudencia canonica, o christianismo seria menos liberal que as religiões do oriente. Christo ficaria abaixo de Mahomet.

Eis o que foi Pio IX: um padre como os das primeiras edades do christianismo, com todas as suas virtudes e com todos os seus defeitos. O seu viver singelo, o seu caracter bondoso, a sua physionomia attraente, dão-lhe o aspecto legendario dos Papias, dos Ireneus e dos Athanasios. Era um theologo; não era um homem de estado. Se no seu





D. AFFONSO XII, REI DE HESPAHNA  
(Segundo uma photographia de M. Hebert, de Madrid)



D. MARIA DAS MERCEDES  
(Segundo uma photographia de M. Hebert, de Madrid)

animo houvesse um pouco mais de *malicia*, um certo *espírito de heresia*; se quizesse acompanhar a sua época, sendo menos casuista e mais diplomata, teria engrandecido a Igreja e glorificado a sua missão. Dentro dos limites do evangelho podem fazer-se todas as revoluções. Para isso não basta conhecer a theologia como S. Thomaz, é preciso ter a habilidade de um Cavour ou a fina perspicacia de um Bismark. A diplomacia de hoje está corrompida pelo virus do atheismo: não acredita no Espirito Santo.

Pio IX, collocando-se fóra do seu seculo, deixou o problema religioso gravemente embaraçado em todos os paizes catholicos. Eram santas as suas intenções, foi grandioso e audaz nos seus ataques á civilização, mas a sua grandeza e a sua audacia seriam mais vantajosas á Igreja, se o pontífice, em vez de ser um reaccionario, fosse um reformador. Entre Leão X e Pio IX vae a distancia que medeia entre Lutero e o padre Jacinto Loyson.

JULIO DE VILHENA.

#### AFRICA PORTUGUEZA



PALMAR DA CABACEIRA NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE (Segundo uma photographia)



## AS NOSSAS GRAVURAS

## OS REIS DE HESPAHNA

D. Affonso XII e D. Maria das Mercedes, não teem, por emquanto, uma grande historia a não ser a doce historia dos seus romanescos amores. O rei é filho da ex-rainha Isabel, a rainha filha do duque de Montpensier e da infanta D. Maria Luíza Fernanda de Bourbon. D. Affonso tem 20 annos, a rainha 18. O seu consorcio, realisado a 23 de janeiro ultimo, deu logar a extraordinarias festas officiaes em toda a Hespanha, a par d'uma certa reserva das populações, segundo a narrativa de muitos correspondentes e viajantes.

O estado politico e social do paiz vizinho não nos permite predizer claramente o futuro reservado aos regios conjuges, que hoje veem o seu caminho, desde a egreja da Atocha até ao palacio real, atapetado de flores, mas que amanhã o podem tambem ver erigido de baionetas, desde a *calle del sol...* até ao exilio.

Seja como fôr; na doce placidez do seu idyllo os dois gentis noivos importam-se, por ventura, pouco com o vulcão concentrado que amanhã póde rugir na tribuna pela bocca de Castellar, ou nas praças publicas pela bocca dos trabucos.

O ceu por emquanto é azul, cheio de suavidade, e a primavera vae talvez desabrochar carregada de flores.

## PALMAR DA CABACEIRA

Fronteiro á ilha de Moçambique estende-se, no continente africano, um grande tracto de terreno, que é dividido em duas comarcas, respectivamente denominadas Cabaceira Grande e Cabaceira Pequena.

A Cabaceira Grande contém em si uma vasta povoação — Nossa Senhora dos Remedios. A Cabaceira Pequena, limitada ao N. por aquella e ao S. pela ponta Mapeta, fronteira ao forte de S. Lourenço de Moçambique, possui igualmente outra povoação densissima de mouros e christãos, intitulada S. João Baptista. Esta povoação defronta com a fortaleza de S. Sebastião, tambem assente na ilha de Moçambique.

É n'este territorio, a curta distancia de Muçuril, que existe o chamado Palmar da Cabaceira, do qual dá uma idéa a nossa gravura. Este sitio é para os habitantes de Moçambique o que Cintra, por exemplo, é para a sociedade elegante de Lisboa: — uma estação de regalo. Ali teem os individuos abastados d'aquella nossa rica provincia as suas quintas de recreio; quintas que só pelo nome se parecem com esses enfezados talhões que nós por ahí vemos ás abas da capital, symmetricamente divididos em canteiros, em hortas, em pomares, ou recortados de monotonas ruas de buxo hermeticamente encerradas entre os altos muros dos seus rafficos jardins.

Protesto eloquente contra os que, mal informados, supõem toda a zona africana um reservatorio de febres, o paiz predilecto da morte, esse territorio, de que a nossa estampa reproduz a paisagem, ahí o temos em frente a uma das nossas mais florescentes colonias, nosso tributario elle mesmo, a exprobar-



FRANCISCO VICENTE RASPAIL (Fallecido a 8 de janeiro de 1878)  
(Segundo uma photographia de M. Appert)



CASA DE D. FILIPPA DE VILHENA (incendiada na manhã de 18 de fevereiro de 1878)

nos, na grandiosa eloquencia do seu privilegiado clima, o desleixo proverbial com que tratamos o que nos podia ser proveitoso manancial de incalculaveis bens, aggravado pela indifferença com que deixamos calumniar a nativa bondade d'essas possessões, que em poder de qualquer outra nação teriam feito a sua riqueza e a gloria da industria humana.

F. D'ALMEIDA.

## FRANCISCO VICENTE RASPAIL

O OCCIDENTE dá hoje o retrato d'uma das figuras mais originaes do seculo XIX. D'um homem que apezar das suas opiniões extremas ha de ficar na galeria dos contemporaneos illustres entre os que mais teem honrado a humanidade pela integridade do caracter e pelo esplendor da intelligencia.

Raspail, filho d'um trabalhador obscuro, nasceu em Carpentas em 23 de janeiro de 1794. Destinou-se primeiro á vida ecclesiastica, fazendo bellos estudos no seminario d'Avignon, entretanto recusou-se a tomar ordens e dirigiu-se a Paris aonde a luz intensa da idéa liberal foi para elle um deslumbramento.

Na revolução de 1830 recebeu o seu baptismo de fogo, ficando ferido na tomada do quartel da rua de Babylonia.

Ao passo que se levantava o soldado da liberdade, medrava tambem a estatura do sabio.

A theologia, como tantas vezes succede, tinha feito do moço seminarista um livre pensador.

Em 1820 já Raspail era explicador de estudos superiores. Dedicara-se seriamente ás sciencias naturaes, estreitando-se com algumas memorias muito notaveis acerca das gramineas, e curiosissimas investigações em botanica, zoologia, anatomia microscopica, chimica e medicina.

Até 1830 publicou grande numero de escriptos que lhe estabeleceram uma solida reputação entre os homens da sciencia. Apezar da sua pobreza não lhe permittir o uso de instrumentos aperfeçoados, auxiliado apenas d'uma lente pessima e d'algumas gotas de reagente, fez descobertas importantissimas. Uma das que o fizeram considerar como creador da chimica organica, foi a da constituição da fecula. Foi Raspail quem descobriu a cellula como elemento primordial de todos os systemas organicos.

A revolução de julho fez do sabio um soldado. O novo governo querendo-o chamar a si nomeou-o conservador geral das collecções do museu, mas Raspail não tendo podido entender-se com Cuvier, o sabio official, acerca das reformas que intentava, pediu a demissão.

Pouco tempo depois foi condecorado com a Legião d'Honra, que rejeitou em carta que foi publicada e na qual declarava que para o resto da vida renunciava a quaesquer mercês ou empregos.

Manteve sempre integralmente esta promessa.

A grande lueta do homem da revolução começa verdadeiramente n'este periodo.

Nomeado presidente da associação dos Amigos do Povo, que representava a parte mais avançada do partido republicano, dirigiu a propaganda revolucionaria, sendo em



1831 condemnado a 3 mezes de prisão por causa d'um artigo publicado na *Tribuna*.

Em 1832 Raspail começou a dirigir o *Reformador*. Suspendeu a publicação no fim de 15 mezes, sobrecarregado de multas na importância de 20 contos de réis, acabando por expiar na cadeia o desassombro das suas opiniões.

Ao cair a monarchia de julho Raspail lançou-se de novo na politica. Entrou com os revolucionarios no Hotel de Ville e foi o primeiro que ali proclamou a republica. O governo provisório offereceu-lhe cargos publicos, que elle recusou.

Depois de dez annos passados com os seus livros foi eleito deputado em 1869 em opposição a Julio Favre, não se reunindo a nenhum drupo no corpo legislativo. Eleito de novo em 1876, representou como gecano a camara dos deputados na cerimonia da transmissão de poderes.

Poucos homens como Raspail tem passado uma existencia mais agitada pela controversia e pelo combate, na sciencia e na politica. Poucos homens tambem como o venerando sabio, tem recebido tantas homenagens de respeito publico universal ao reclinarem a frente no frio leito de pedra, depois do longo apostolado em que lidaram em prol da dignidade, da fraternidade e do bello ideal humano!

Eis em poucas linhas o perfil do homem. A biographia do sabio e do politico só se pôde escrever em volumes.

#### CASA DE D. FILIPPA DE VILHENA

A casa incendiada que a nossa gravura representa, situada perto do velho palacio dos condes d'Almada, em Lisboa, anda ligada a uma recordação historica. Foi n'essa casa que a heroína D. Filippa de Vilhena, condessa d'Althouguia, armou os seus dois filhos cavalleiros para a lucta gloriosa pela independencia da patria, facto commemorado brilhantemente n'um esplendido drama d'Almeida Garrett.

Evidentemente do palacio da antiga heroína já pouco restava, porque a casa incendiada no dia 18 de fevereiro era uma reconstrução muito posterior. Não se pôde dizer, pois, que se perdesse mais uma reliquia historica. O que porventura haveria da velha habitação, lá se conserva ainda. O utilitarismo do seculo tinha feito, do que foi outr'ora a habitação da abnegação e do heroismo maternal, uma casa de emprestimos sobre penhores. — Triste realismo do nosso tempo!

#### SCENAS DO CARNAVAL EM LISBOA

A phantasia carnavalesca que hoje damos, desenhada por Manuel de Macedo, foi reproduzida pelo processo photozinographico na secção photographica da direcção geral dos trabalhos geodesicos. É o primeiro ensaio d'este genero, no nosso jornal, e a elle recorreremos mais vezes quando a indole dos desenhos requeiram este processo, de preferencia a qualquer outro.

## OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

### I

Diante d'este grande nome de Goethe, qual será o espirito, sobretudo o espirito de mulher, que se não suspenda amedrontado, tímido e vacillante?

Um poeta é já de si uma criação complexa, indecifrável para os entendimentos vulgares; que fará pois quando, sobre ser poeta e poeta allemão, o que é pertencer duplamente ás regiões do mysterio, se é a encarnação viva e completa d'um seculo e d'uma nacionalidade, sem por isso deixar de comprehender todos os tempos e todas as raças; quando se tem abarcado em synthese harmoniosa todos os ramos do saber humano, sem que por isso a phantasia tenha deixado perder uma só flôr da sua viçosa grinalda; quando se tem explorado com o mesmo exito assombroso a critica, a historia, a arte, a philosophia, a sciencia, deixando sempre atraz de si como vestigios indeleveis de sua passagem de conquistador, novas formulas, novas intpretações, novos descobrimentos, e uma vida nova animando e fecundando todo esse vasto mundo intellectual.

Aquilatar um tal prodigio, fazer a critica da sua obra complexa e monumental, explicar a vida interior de que elle nos deu tão multiplas e maravilhosas manifestações, é de certo empreza superior a quasi todos.

Não é aspiração nossa tental-a sequer. Vamos apenas contar um episodio da vida do grande poeta allemão ás leitoras portuguezas que pela maior parte o conhecem simplesmente atravez da musica de Gounod, o que não é de certo o modo mais completo de o conhecer.

É defeito geral entre nós, o pouco apreço que se dá ao intimo espirito que transparece em todas as obras d'arte. Quando lemos um livro, nós, principalmente as mulheres, gostamos ou não gostamos, mas nunca passamos além d'este ponto. Não indagamos se esse livro constitue parte de um todo que nos é inteiramente desconhecido, se é a revellação d'um mundo mysterioso, cuja exploração fosse para o nosso espirito um progresso; não sabemos que força o creou; a que momento da vida humana corresponde; em que relação está com o conjuncto immenso de que somos uma parcella.

Um livro nunca é mais do que a expressão perfeita ou incompleta d'um espirito; como esse espirito não é mais do que a expressão perfeita ou incompleta da humanidade.

É portanto sob este ponto de vista que principalmente nos deve

interessar. Se a litteratura fosse uma cousa abstracta, ficticia, sem existencia real, sem applicação no estudo da vida pratica; que papel lhe caberia hoje n'esta quadra utilitaria e positivista? E comtudo nunca ella teve uma missão mais importante, nunca teve uma significação mais elevada e mais profunda.

A litteratura que os nossos avós encaravam como um passatempo agradável ao espirito, é hoje considerada como um auxiliar proficuo da historia.

Sendo como é, uma das mais visiveis encarnações da vida intellectual do homem, é ella que nos revella o enygma do passado, é atravez d'ella que reconstituimos os extinctos seculos, que surgem completos e vivos diante dos nossos olhos, com as paixões, instinctos, preconceitos ou virtudes, que os distinguiam, os homens, que ha muito nos precederam na vida. Se ella nos não esclarecesse e não guiasse, como haviamos de comprehender, nós que nos vamos lenta e successivamente transformando em virtude de tantas influencias complexas, as paixões que já não sentimos, as crenças que já nos não exaltam, os terrores, a ferocidade instinctiva que já não imperam na nossa imaginação e no nosso organismo, e até mesmo, quanta vez! a grandeza ideal a que já não sabemos attingir.

Se os livros são uma parte do homem interior, e se este é sempre para si mesmo, o abysmo, a esphinge, o oceano impenetravel e insondado, como pôde deixar de interessar-nos vivamente, tudo que nos ajude a erguer uma ponta do véu, que eternamente se interpõe entre nós e a verdade?

A obra do poeta só poderá ser comprehendida plenamente por quem lhe houver estudado a vida; uma completa e explica a outra, subordina-se-lhe e recebe d'ella a consagração e a realidade. É por isso que hoje vemos a critica moderna, tão lucida e tão racional, antes de abrir as paginas do escriptor, interrogar a existencia do homem, antes de dissecar e classificar os productos da intelligencia, estender o corpo vivo e palpitante sobre a negra mesa do amphitheatro anatomico, e arrancar-lhe um a um com o escalpello penetrante o segredo das mais secretas e delicadas particularidades do seu organismo.

Depois claro está que assim como o livro deve ser o resultado d'um temperamento, d'um espirito, e d'um coração em desequilibrio ou em harmonia, assim o homem, sobretudo o homem de talento, quer dizer aquelle que pela sua sensibilidade mais apurada, e o seu entendimento mais comprehensivo, recebe em maior grau as influencias do mundo que o rodeia, tem de ser forçadamente o producto das idéas, dos sentimentos e da organização social do seu meio.

Analysar um é porventura o modo mais facil de chegar a comprehender o outro.

O seculo XVI em Inglaterra explica o genio a um tempo grandioso e selvatico, brutal e requintado de Shakespeare, como a vida individual de Shakespeare, interpreta a sua obra. A cõrte de Luiz XIV, o despotismo galante, explica Racine, como a vida de cortezão delicado e extatico, que era o ideal de Racine, faz comprehender o seu theatro. A nossa quadra de viagens aventurosas e de lendarias conquistas, produz Camões, como a inspiração bebida por Camões na sua vida de soldado, de viajante, de trabalhador e de phantasia, produz os Lusíadas, e os dota de uma vida immortal. Onde poderá a França do seculo XVIII, aquella França tão profunda e tão frivola, tão humanitaria e tão dissoluta, a França das reformas sublimes, e dos eroticos madrigaes, achar uma expressão mais viva, pittoresca, animada e fiel que na obra, no engenho e na vida de Voltaire? É d'este modo que na vida tudo está preso e relacionado entre si.

Esta universal e vivificante relação, que principia a ser tão bem comprehendida por todos os que pensam, dá á vida humana um novo aspecto mais verdadeiro e mais sympathico. Os humildes sentem-se enobrecidos pela idéa de que não são de todo inuteis, pois que concorrem nos seus embora escassos limites para a obra dos grandes; os orgulhosos tem de olhar com menos desdem para os indispensaveis alliados, que até aqui nem viam sequer.

Estas idéas que ahí ficam simplesmente e imperfeitamente esboçadas, e que o espirito dos que nos lerem completará de certo, explicam de sobejo, em primeiro logar a tendencia que nos leva a ir pedir á historia d'um poeta as confidencias do seu intimo viver, depois a necessidade em que estamos de não separar completamente o homem moral do homem intellectual, sem comtudo nos atrevermos a julgar e a criticar este.

Tracta-se de mais a mais dos ultimos amores de Goethe, amores dos sessenta annos, flor mystica e ideal colhida por elle na velhice, e um amor d'estes nascido na metaphysica, na sonhadora e nebulosa Allemanha, é principalmente ao poeta que deve dirigir-se.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

## UM FURACÃO

Vira eu nascer aquelle dia em casa do meu amigo D. Jeronymo, nas Conchas. Assim se chama uma aldeiola que consiste em uma rua de casas velhas edificadas sobre estacas, entre arvores, ao longo da ilha que o ribeiro do mesmo nome fórma no ponto onde se bifurca em dois braços, que vão desaguar no Lujan. O braço do sul denomina-se Tigre.

Medindo uns quarenta a cincoenta metros de largura, é, como todos os affluentes do Paraná e do Prata, caudaloso nas horas de maré cheia. Em suas aguas estaciona de ordinario uma multidão de goletas,



bergantins, barcos e vapores, que tomam carga ou descarregam no molhe da estação do caminho de ferro. É esta a linha a que em Buenos Ayres se chama ferro-carril do norte. Passando, no seu curso de trinta e um kilometros, por Belgrano, San Isidro e San Fernando, chega enfim ás margens do Tigre, coalhadas de salgueiros chorões, cujos ramos descem a banhar-se na corrente, e matissadas de juncaes e espadanas, que dão um aspecto agreste e ao mesmo tempo encantador ao abundante ribeiro.

O Tigre, e seu pae, o Conchas, vão confluir a uma distancia de trezentos metros da povoação com o Lujan, ribeiro ainda mais formoso, o qual corre transversalmente a confundir suas aguas na immensa bacia do Prata, que começa a curta distancia d'ali.

Pelas abas do Tigre estão semeadas a espaços, e como perdidas entre arvoredos e jardins, as elegantes casas de campo, que as familias abastadas da capital mandaram construir, deixando para traz e paralela aos costados a velha rua das Conchas. Estes vistosos edificios, de architectura caprichosa e variada, pousam, como as antigas habitações, sobre arcarias ou estacadas, afim de dar passagem ás aguas das enchentes, que costumam inundar todo o lugar. Transformado então em uma Veneza silvestre, as suas avenidas n'aquelles momentos vêem-se sulcadas a um tempo por leves embarcações, carros, jangadas e cavallos, que se misturam e alternam em grande algazarra.

A minha mansão era uma d'essas lindas casinhas, escondida entre arvoredos gigantes, rodeada de latadas e trepadeiras, que estendem seus galhos e flores, subindo até ao segundo andar d'aquelle pequeno chalet suizo.

A manhã era bellissima, como todas as do outomno n'aquellas latitudes. As arvoredos e flores haviam augmentado o seu brilhantismo com o copioso rocío da noite; os buliçosos forneiros saltavam, com a vivacidade que lhes é peculiar, por toda a parte, pelas trepadeiras e terrados, pelos balcões e cornijas, repetindo seus gorgeios. A tença, ou, mais propriamente, o burlão, remontava-se e baixava arremedando o forneiro, tomando-lhe seus temas para varial-os em escala e trinados admiraveis de doçura e melodia.

O Tigre estava baixo, e um grande navio de vela que queravam perto da ponte achava-se quasi em secco, de modo que os calafates formigavam sobre a quilha, fazendo com os martelos um ruido dissonante. Eu observava-os da varanda, atravez dos salgueiros, e alongava a vista rio abaixo pela rua que lhe formam as suas ourelas de verdura, até á estação, onde a locomotiva, despedindo columnas de fumo e de vapor, avançava e retrocedia, ensaiando a sua proxima viagem para a cidade. Pela margem esquerda do rio corriam, e por suas aguas vogavam a toda a força, os passageiros que iam tomar o trem da madrugada. A locomotiva parou, fechou as suas valvulas, e, de repente, soltando um prolongado sibilo, partiu rapida, arrastando os seus grandes wagons envernizados, expellindo grossas e successivas baforadas de vapor, que, subindo e quebrando-se, deixavam após si uma longa cauda branca e fluctuante, que desapareceu ao longe com o compassado estrepito do comboio.

O sol tinha-se já elevado bastante no horisonte, para apagar com as suas torrentes de luz as meias tintas e bellas sombras da manhã. O vento do oeste começára a soprar quente e terroso. O rio baixava cada vez mais. Os moradores e passeantes do lugar encerravam-se em suas casas. Os calafates trabalhavam com menos bulha, e o movimento dos barqueiros e gente do molhe e da estação paralyzára.

Todo o dia esteve pesadissimo. Nuvens de pó alvacentas e avermelhadas cobriam o sol e despedaçavam-se na atmosphera em redomoinhos e em espiraes, segundo as correntes do vento. O horisonte ou se estreitava ás vezes e se obscurecia, ou aclarava e se dilatava com alguma refrega que levava o pó ao rio. O calor era intenso e molesto.

Pelas quatro horas da tarde, o vento acalmou; o ar tornou-se sufocante. A atmosphera havia-se coberto de nuvens de pó, deseguaes; umas densas, claras e vaporosas outras. A parte do Prata estava limpa e serena. As aguas já não corriam na vasante; o Tigre achava-se secco.

Vagando então pelas avenidas á direita do ribeiro, notava com estranheza que, apesar de ir a tarde em meio, as aves buscavam os seus alojamentos. Os forneiros tinham deixado de rir e piavam tristemente á porta dos seus fornos. Os pequeninos cardeaes, de peito carmezim, fraternisavam com os chincos, pintasilgos e chirihues, apinhando-se em grupos entre os ramos mais espessos dos ceibos, cujas flores purpurinas caem entre os juncaes, onde os ceibos novos attingem apenas dois metros. Bandos de corpulentos chagaes passavam silenciosos para o sul, e como baixando; enquanto os picaflores se precipitavam qual frecha em linha recta, sem se deter um momento a tremer sobre as plantas.

Eram cinco horas quando cheguei á distante e linda casinha de campo de uma familia nobre, que rivalisa em bondade e bellezas com as primeiras da rainha do Prata. Era o dia dos annos de D. Jeronymo; e escolhera elle a amigavel hospitalidade d'aquella familia para recordár o seu anniversario.

O jardim está em frente da casa, que se eleva sobre uma arcaria de tijolo, tendo uma escada de marmore, por onde se sobe para a galeria aberta, que resguarda os aposentos. O lugar é desaffrontado, e assim podia vêr-se do jardim uma montanha, tão alta como os Andes, que palpavelmente avançava do noroeste com uma velocidade solemne, imponente...

Era com toda a propriedade uma montanha, de tres a quatro mil metros de elevação, escura e densa, como se vêem os Andes aos ultimos clarões do crepusculo da tarde: as suas cristas eram deseguaes e caprichosas. Atravez das nuvens pardas, terrosas em ebullição, em vora-

gem, em torvelino, que formavam aquella massa gigantesca, em veloz movimento, distinguia-se uma fôrma negra, que era como o corpo da montanha. O espectáculo era sublime e produzia a impressão indecifrável que causa o grande poder da natureza posto em acção. Estupefacto, eu não podia comprehender o phenomeno, por mais que n'elle attentasse.

De subito ouvi um ruido espantoso, indefinivel, que crescia, que se convertia n'um fragor incomparavel tal, que; nem mesmo o das estupendas cataractas que fôrma o Amazonas, ao embater com as ondas do oceano, tem o poder de imitar. Uma das senhoras, que andava a colher flores, levanta os olhos, vê avançar o colosso, e corre para casa, chamando-me e exclamando: «Furacão!»

N'aquelle momento, a montanha aproximava-se do Tigre a trezentos metros da casa, e sentia-se distinctamente o estalido das arvoredos que se quebravam na sua passagem. Mal entrámos e fechámos as portas, caiu o furacão sobre o chalet, e, penetrando por uma janella, derribou com horrivel estrondo um tabique interior. Felizmente, o dono da casa, auxiliado por mais dois individuos, conseguiu fechal-a, encostando-se a ella com todas as suas forças.

A casa tremia como um navio agitado pelas ondas. Envolviam-nos uma escuridão mais profunda que a de uma noite tenebrosa. No seio das trevas espessas, a vista encontra alguma cousa, — sombras, vultos informes; mas eu unido ás vidraças via menos do que se tivesse os olhos fechados. Tudo era negro, opaco; o pó do furacão e do tabique desmoronado sentia-se, respirava-se; o movimento tremulo da habitação causava vertigens, o estrondo ensurdecia e quasi abafava os lamentos das senhoras, fazendo ouvir seus gemidos como se partissem de longe. Momentos espantosos, momentos supremos, em que se não sente, morre-se; — em que se necessita de uma vontade poderosissima para reflectir e observar.

A densa escuridão durou pouco mais de dez minutos, que pareceram um seculo; mas o furacão continuava em toda a sua força. Ao favor da claridade incerta que succedeu, via-se chover a torrentes barro liquido em chorros continuos, grossos, multiplicados, cruzando por entre elles transversalmente o granizo ou pedra de meia pollegada de espessura, que saltava no solo ou batia nos pilares e nas gelosias.

A casa ainda tremia, e eu, receiando vel-a desabar, empenhava-me em collocar as senhoras nos angulos da sala; mas, uma d'ellas, chorando e resando com uma linda creança nos braços, e as outras desesperadas por não terem ali as suas, não paravam um instante e percorriam os aposentos, pranteando-se e gemendo.

A afilhada de D. Jeronymo vira saltar pelos ares o segundo andar do corpo fronteiro, e dizia que no primeiro, onde era a cosinha, já lavrava o incendio. N'aquelle segundo andar estava um individuo da familia, homem de sessenta annos, e ignorava-se a sua sorte. Outra causa de afflicção! Por fortuna, d'ahi a pouco appareceu o ancião na galeria exterior, gritando para que lhe acudissemos. Custou muito a abrir-lhe a porta, evitando que o furacão tornasse a entrar e a fazer destroços. O homem estava cadaverico e coberto de sangue. Voára com o edificio, e caira a mais de cincoenta metros sobre as coleas do jardim, salvando-o este brando leito e o pouco peso do seu corpo, a troco de uma ligeira ferida na fronte, de uma morte inevitavel. Curei-o, dei-lhe vinho e conduzi-o a uma cama.

Entretanto chovia e granisava a cantaros, mas a força do vento amainava. O furacão durára em todo o seu furor mais de uma hora. Eram seis e um quarto, varria elle a superficie do Prata, e a uma distancia de cento e oitenta kilometros, tomando de certo outra direcção: nem sequer foi presentido em Montevidéu.

FRANCISCO DE ALMEIDA.

## CORRESPONDENCIAS E AVISOS

O sr. Adriano Maria Cerqueira Machado, da Ponte da Barca, foi quem primeiro nos enviou a explicação do enigma do numero antecedente.

A Associação Academica de Lisboa tambem nos enviou a explicação do enigma.

A resposta ao grande numero de cartas que se recebeu n'esta relação, querendo decifrar a estampa publicada na chronica do numero antecedente, vae na chronica d'este numero.

### ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Sem ter um palmo de terra está repartido o mundo.



SCENAS DO CARNAVAL EM LISBOA  
POR MANUEL DE MACEDO

